

## ***Para Além das rotas preestabelecidas: as tensões de gênero em um mutirão de grafite***

### ***Beyond pre-established routes: the tensions of gender in a joint effort of Graffiti***

**Mônica Rodrigues Costa; Jaileila de Araujo Menezes; Shirley de Lima Samico**

Universidade Federal de Pernambuco, morodrigues.costa@gmail.com

#### **Historia editorial**

Recibido: 06/03/2012  
Aceptado: 24/09/2013

#### **Palabras clave**

Gênero  
Juventude  
Mutirão  
Desigualdade

#### **Resumen**

Este texto busca dar visibilidade às desigualdades de gênero e às estratégias e táticas de enfrentamento de tal situação, destacando situações inusitadas e astúcias elaboradas pelas jovens mulheres participantes do movimento Hip Hop, em Recife, Brasil. Tais desigualdades se expressam mediante fronteiras, adesões, oposições e alternativas. Trata-se de pesquisa qualitativa de inspiração etnográfica, com recurso ao diário de campo, e que prioriza a cena de um mutirão de grafite como contexto de atualização de tensões, jogos e práticas articulatórias entre tais jovens. Considera-se a diversidade entre as jovens, a partir de seus modos de inserção/participação: há as “comprometidas”, que se apresentam como subordinadas aos ordenamentos de seus parceiros, o que sugere adesão ao modelo masculino hegemônico; as jovens solteiras, que se diferenciam entre as recém-ingressas, as quais demonstram maior dificuldade de localizar e tematizar as desigualdades de gênero; e as que estão há mais tempo no movimento, e produzem abertura a situações de subordinação, com vistas à autonomia.

#### **Abstract**

#### **Keywords**

Gender  
Youth  
Task Force  
Inequality

*This text seeks to give visibility to gender inequalities and strategies and tactics for coping with this situation, highlighting unusual situations and gimmicks, in Recife, Brazil. Those inequalities are expressed by borders, accessions, oppositions and alternatives. This is qualitative research of ethnographic inspiration, using the field diary, and that prioritizes the scene of a joint effort of graphite as a context of tensions update, games and practices articulation among such young people. It is the diversity among young people, from their modes of insertion / participation: there are "committed", that that present themselves as subordinate to the laws of their partners, suggesting adherence to hegemonic masculine model; single Young women which differentiate between the rookies which show greater difficulty to locate and thematize gender inequalities; and those that are longest in the movement, and openness to produce situations of subordination in order to autonomy.*

## **Introdução**

O texto apresenta resultados de uma pesquisa realizada com jovens do movimento hip hop acerca das desigualdades de gênero e suas repercussões para entrada e, manutenção no movimento e a afirmação de jovens mulheres como produtoras culturais. Busca dar visibilidade às estratégias e táticas de enfrentamento de tal situação, destacando situações inusitadas e astúcias elaboradas pelas jovens para garantia de sua participação.

Optamos pelo contexto do mutirão de grafite, por ser uma atividade que exige maior poder de negociação, estratégia e articulação por parte das/os jovens de modo a garantir espaço para elaboração

e execução de sua arte. Tem efeito de visibilidade da produção artístico-cultural dos grupos e jovens que dele participam e durante o desenrolar da pesquisa, observamos ser o evento de maior constância no movimento.

Adotamos a perspectiva etnográfica que nos possibilitou imergir no campo de pesquisa, marcando nossa presença em eventos significativos do movimento hip hop, e no acompanhamento dos/as jovens em diferentes situações/cenas, tais como as que antecederam o mutirão (pontos de encontro, deslocamentos pela cidade) até a atividade propriamente dita e seus desdobramentos no entorno da comunidade.

Nessa perspectiva etnográfica, em nossos cadernos de nota, registramos aspectos de nossa percepção ampliada sobre as cenas e cenários de interação entre os/as jovens e, ao mesmo tempo focalizamos aspectos, que visibilizassem os tensionamentos de gênero, tais como: a condição e momento de chegada das meninas (sozinhas, em grupo, com parceiros, namorados, maridos) se participam e como participam das negociações sobre os muros que serão grafitados (fisicamente melhor posicionados).

O mutirão se configura, na cidade de Recife, Estado de Pernambuco, Brasil, como acontecimento rotineiro na vivência do(a)s jovens integrantes do movimento Hip Hop. O mutirão representa um significativo contexto informativo e de suporte à leitura das práticas político-culturais, no qual as relações de poder e seus processos de significação ocorrem. O termo “mutirão” tem dois significados (Ferreira, 2002, p. 477): “auxílio gratuito, que prestam uns aos outros os lavradores (na colheita, construção de casa, etc.) reunindo-se todos os da redondeza e trabalhando em proveito de um só”; e “auxílio gratuito que prestam uns aos outros os membros de uma comunidade, em proveito de todos, como no caso de melhorias locais”.

No Brasil, o termo mutirão tem forte conotação política associado à estratégia de constituição de identidades coletivas entorno da demanda por habitação, que ganha adensamento a partir dos anos 1970 com o crescimento desordenado das cidades. A definição política do termo dialoga com seu significado etimológico e também o contextualiza, considerando seu sentido de estratégia que garante a solidariedade entre pessoas empenhadas em uma ação comum para o benefício do coletivo (Fertrin e Velho, 2010; Neves, 2007).

Trabalhos acadêmicos que se debruçam sobre mutirões localizam essas iniciativas em contextos rurais e urbanos, e geralmente são estudos que se preocupam com temáticas de participação social, políticas públicas e mudança social. No presente artigo, mutirão serve como cenário para análise de elementos que compõem o cotidiano do movimento Hip Hop no meio urbano, tais como: juventude e participação, gênero e sexualidade e os desafios da produção cultural.

O recorte da cena “mutirão” convida a atualizar um olhar pautado nas tensões, nos jogos e práticas articulatórias, que estabelecem regimes de visibilidades e invisibilidades, igualdades e desigualdades, poderes hegemônicos e políticas alternativas. Essa atualização ou renovação implica um “estar lá” (Geertz, 2002/2005), experimentando aproximações e estranhamentos, na posição de observador astuto, formulando e reformulando estratégias para enfrentar “saías justas” com “jogos de cintura” (Bonetti e Fleischer, 2007).

Este texto segue uma rota de contextualização do mutirão, no âmbito do movimento Hip Hop na cidade de Recife, de modo a informar sobre sua dinâmica político-cultural, a partir da qual se pode localizar uma experiência que serve de matéria-prima para as reflexões empreendidas, ou seja, destaca-se do conjunto um único evento como emblemático de tal prática.

Assim, este recorte busca dar visibilidade às desigualdades de gênero e às estratégias de enfrentamento a tal situação, elaboradas pelas jovens mulheres participantes desse movimento. O entendimento dessas desigualdades é referenciado nos códigos de honra e masculinidade hegemônicos, que se expressam sutilmente e estabelecem fronteiras, adesões, bem como oposições e alternativas.

O estudo do mutirão permite mergulhar nas astúcias construídas por jovens homens e mulheres, que envolvem os dizeres de Michel de Certeau (1994/2007), microrresistências e microliberdades, e que se traduzem em possibilidades de destacar no cotidiano as situações inusitadas, aparentemente “de pequeno valor”, mas com a potência dos pontos de viragem, como criação de rotas inovadoras dos modos de ser, de existir, de se posicionar no mundo e nas relações com os outros.

## **O mutirão como estratégia de mobilização coletiva**

---

O mutirão de grafite é uma ação realizada nas comunidades da cidade do Recife pelo movimento Hip Hop, com o intuito de atrair outros jovens, potencializar a ação política do movimento e até mesmo dinamizar a economia da comunidade. Acontece todo último domingo do mês, e é organizado pelos grupos ou *crews*,<sup>1</sup> que simultaneamente participam da Rede de Resistência Solidária. Ao privilegiar o mutirão, de certo modo, dialoga-se com o contexto do movimento Hip Hop, uma vez que essa ação não se resume à prática do grafite, porque aglutina todos os elementos<sup>2</sup> do movimento.

Como o próprio nome informa, a Rede de Resistência Solidária é uma articulação em rede, criada em 2005, com atuação comunitária, cuja composição conta em grande medida com a participação de diversos grupos e coletivos de jovens moradores de periferia ou áreas degradadas. Embora priorize grupos e coletivos vinculados ao movimento Hip Hop, a Rede é um espaço aberto à participação, contudo, os participantes precisam estar sintonizados com princípios libertários (Reis, 2010).

Redes são “fios, cordas, arames, etc., entrelaçados, fixados por malhas que formam como que um tecido” (Ferreira, 2002, p. 588). De acordo com Ilse Scherer-Warren (2008, p. 515), as redes de movimentos sociais na atualidade “se caracterizam por articular a heterogeneidade de múltiplos atores coletivos em torno de unidades de referências normativas, relativamente abertas e plurais” (Scherer-Warren, 2009, p. 55). Por meio de suas ações locais, esses grupos “crêem no poder da força comunitária para a constituição histórica do grupo” (Scherer-Warren, 2009, p. 55).

Com fomento da Academia do Desenvolvimento Social<sup>3</sup> e do Coletivo Êxito d’Rua,<sup>4</sup> e com o principal objetivo de articular os grupos do movimento a outros espaços políticos, a criação da Rede de Resistência Solidária pretendia “ampliar o diálogo com os movimentos sociais e, até mesmo, ter respaldo interno no governo para pensar e aprovar determinados projetos e programas que, em geral, atingissem uma demanda social comum a eles” (Barros, 2010, p. 121).

A Rede de Resistência Solidária é um exemplo da organização em redes, que é bastante utilizada por movimentos sociais contemporâneos e tem como fio condutor ações horizontais, igualitárias e

---

<sup>1</sup> Grupos ou *crews* são denominações utilizadas para a demarcação da territorialidade geográfica e simbólica de um coletivo vinculado ao movimento Hip Hop.

<sup>2</sup> A cultura *hip hop* é composta por cinco elementos: o *break* (dança), o grafite (pintura), o *rap* (poesia), o *DJ* (ritmo) e o conhecimento.

<sup>3</sup> A Academia do Desenvolvimento Social foi uma ONG fundada em 1999, na cidade de Recife.

<sup>4</sup> O Coletivo Êxito d’Rua teve importante papel de articulação de outros grupos ou coletivos juvenis, o que possibilitou a constituição da Rede de Resistência Solidária.

democráticas entre os indivíduos (Scherer-Warren, 2009). Seu formato organizacional implica maior fluidez e capilaridade nas relações que se constroem entre os grupos e territórios de origem. No caso desse coletivo, a Rede faz convergir novos recursos sociais para o movimento e, nesse processo, utiliza como recursos o Mutirão de Grafite, a produção de materiais (revista, CDs, exposições etc.) e o investimento em formação para dinamizar econômica e solidariamente os jovens e a comunidade.

Nos mutirões, a juventude interage com a comunidade, com outros elementos do movimento, com outros grupos culturais, com lideranças comunitárias, assim, fortalece laços e quebra estigmas relativos à juventude pobre. Os mutirões de grafite são oportunidades para os jovens do movimento Hip Hop dialogarem sobre temas pertinentes a suas vivências cotidianas, tais como: preservação do meio ambiente, participação política, questões de identidade étnico-racial, pertencimento territorial (periferia) e condição social (pobreza).

Os mutirões também possibilitam processos de negociação, construção de alternativas e estimulam a inventividade coletiva, a troca de experiências e conhecimentos que auxiliam na relação com o cotidiano. Acerca desse cenário, Scherer-Warren (2009, p. 76) problematiza os “novos movimentos sociais”, no que contribuem para “a transformação também a partir de pequenas brechas, rupturas, micro-revoluções no cotidiano e de suas possibilidades de penetração na sociedade envolvente”.

As pequenas mudanças provocadas pela presença do mutirão nas comunidades podem ser sentidas a partir de diferentes ações, a exemplo das negociações com os moradores e lideranças do local, a modificação na estética das casas, o envolvimento do comércio da área, a revitalização de espaços públicos, como escolas e praças, e o engajamento de novos membros nos grupos do bairro. Essa dinâmica tem um potencial mobilizador de outros jovens, que, ao terem contato com essas ações, podem se interessar pelas atividades dos grupos de sua comunidade e até fazer parte do movimento.

Além disso, os diálogos entre os próprios jovens são pautados por conteúdos políticos, com ênfase na mobilização da economia local, nas alternativas de sobrevivência, na construção de identidade coletiva fundada nos princípios de solidariedade e liberdade comunitária. O conjunto das ideias expostas permite afirmar que o mutirão de grafite tem produzido movimento de afirmação e valorização das comunidades periféricas, que interfere na ecologia do lugar, contribui para o reconhecimento dos moradores como cidadãos e para alterar os estigmas de território produzidos pela lógica capitalista de ocupação espacial.

Nesse sentido, corrobora-se o argumento de Ligia Ferro (2010) de que o elemento grafite é mediador da realidade para os jovens, é uma linguagem que se interpõe entre os jovens e o contexto social no qual estão inseridos. É por meio do grafite que eles dão vazão a suas demandas, protestam, denunciam e simultaneamente criam uma comunicação estética que é capaz de afetar o Outro, o transeunte, o cidadão, naquilo que informa sobre as condições de vida dessa juventude.

O grafite produzido emerge em um contexto social, histórico e cultural, ao tempo em que, como obra, fala da leitura singular de um autor acerca desse contexto. Nesse caso, a singularidade expressa na assinatura da obra (suas *tags*) é valorizada como marca e princípio de visibilidade dos jovens grafiteiros na cidade, representa a tensão entre a lógica emancipatória e a autonomia precária. Boaventura de Sousa Santos (2002) alerta para o fato de que a “autoria”, embora esteja vinculada a um princípio que compõe a lógica emancipatória – o princípio estético-expressivo –, tem autonomia precária. Ainda, sua precariedade reside nas trocas culturais, uma vez que “as expressões artísticas no meio popular são recursos culturais comunitários” que, especialmente no Hip Hop, tratam de “experiências cotidianas” (Costa, 2006, p. 126-127).

Essa constante tensão presente na prática do elemento grafite colabora para reposicionar os jovens como autores de saberes situados, ou seja, o grafite é uma cultura de rua, intrinsecamente relacionado a seu contexto de produção, e, à medida que se diversificam os espaços de exposição e visibilidade, podem ser ampliadas as tensões e ocorrer deslocamentos nos posicionamentos da autoria.

Embora não seja objeto deste trabalho a reflexão acerca do grafite em si, é necessário compartilhar algumas inquietações, de modo a tornar mais claros os termos em que se coloca para nós o mutirão de grafite. Desse modo, o grafite surge como uma arte juvenil, configurando universos alternativos e transgressores, e passa a ser incorporado ao mercado da arte e do *design*. A conformação dessa arte de rua, desviante, contestatória, democrática a espaços fechados, como galerias, abre o debate sobre sua institucionalização e legitimidade (Ferro, 2010). Sua incorporação nesses espaços coloca ênfase excessiva na autoria, desconectando-o de sua capacidade mediadora da realidade.

O mutirão se opõe à lógica da contenção institucional-espacial, a partir de um duplo movimento, que permite, ao mesmo tempo, a democratização da arte e do belo e a formação política. Levar o grafite às comunidades torna-o um bem coletivo, uma vez que traz nova cor ao lugar de moradia, revitaliza-o, valoriza esteticamente a comunidade, envolvendo diferentes atores sociais locais na tematização das condições de vida dos territórios.

Nesse momento, todo o processo de aprendizagem e de inovação é relacional, implica os participantes com o local, consigo mesmo e com a lógica coletiva.

Esse coletivo vê o *graffiti* como uma ferramenta de luta contra a desigualdade social, difundindo seus saberes e partilhando seus códigos nas bolsas urbanas mais pobres. O processo é multidirecional, uma vez que dele também resulta um aprendizado para os grafiteiros (Ferro, 2010, p. 86).

O fato de reconhecer o mutirão como espaço e ferramenta de democratização, empoderamento e combate à desigualdade social não elimina a existência de conflitos em seu interior, protagonizados pelos próprios jovens participantes do movimento, em especial, no âmbito das relações de gênero. Na cidade de Recife, durante certo período, a organização dos mutirões ocorria em reuniões presenciais articuladas por alguns membros da Rede de Resistência Solidária, especialmente os jovens homens com liderança reconhecida. Com o crescimento da presença feminina, houve progressivo esvaziamento da participação desses jovens. O que leva a refletir sobre os efeitos da participação e do empoderamento das garotas nesse espaço, ameaçando a hegemonia do poder masculino. Atualmente, predominam articulações via redes sociais eletrônicas (*e-mail* e comunidades), e esse deslocamento do espaço físico (presencial) para o ciberespaço (virtual) surpreendeu as jovens mulheres e gerou sua dispersão, inicialmente. Esse deslocamento é uma estratégia de manutenção da liderança masculina e de seu poder.

A inserção no campo de pesquisa permitiu localizar uma associação entre o crescimento da presença feminina nas reuniões de organização do mutirão e um evento denominado Trincheira Tinta (2009), articulado pelas jovens grafiteiras. O evento visou a convocar as grafiteiras “para o exercício da criatividade, do intercâmbio solidário e crescimento coletivo das jovens mulheres que elegeram o *graffiti* como meio de expressão, de ocupação do espaço urbano e, direta ou indiretamente, desconstrução das desigualdades de gênero” (Diário de Campo, 23.05.2009). A organização de um evento desse tipo revela as tensões existentes no interior do movimento entre os jovens e as jovens, pois se constataram reações e manobras para dificultar a participação e o fortalecimento delas.

Exemplificam isso comentários, que circularam em conversas informais e sítio de relacionamento, sobre agressão verbal direcionada a uma das participantes por um dos organizadores do mutirão e posterior desmobilização das reuniões presenciais, embora isso não comprometesse sua realização. Houve momentos em que as jovens mulheres não sabiam em que comunidade o evento ocorreria e quem era o jovem responsável pela articulação. Esses fatos ressaltam uma possível estratégia de boicote à participação das meninas na organização do mutirão, na tentativa de fragilizar a presença das grafiteiras nessas atividades.

Esse tipo de ocorrência visibiliza as desigualdades participativas, denota as dificuldades de diálogo e de troca de experiência e aprendizagens entre membros que partilham os mesmos gostos culturais. O acontecimento em pauta informa as relações de poder entre homens e mulheres, mulheres e mulheres e entre homens no movimento. Vários estudos sobre a desigualdade de gênero, principalmente os que se referem ao movimento Hip Hop (Freire, 2010; Matsunaga, 2008; Souza, 2010; Weller, 2005 dentre outros), têm apontado que, apesar do movimento congregar muitas bandeiras políticas (racismo, violência, pobreza, desigualdade social), as demandas de gênero são invisibilizadas, “e não é por desconhecimento da vivência histórica de discriminação e desigualdade que atinge muitas mulheres” (Souza, 2010, p. 2), pois os jovens homens testemunham em seu cotidiano as dificuldades das mulheres que fazem parte de suas histórias – mães, irmãs, primas. No entanto, parecem enredados na trama da discriminação e do machismo que os afetou, a exemplo das narrativas comuns de abandono da família por parte do pai.

Optamos pela descrição densa de um mutirão de grafite, escolhido entre tantos outros por nós acompanhados, pela sua potencia em exemplificar situações de conflito e segregação, que trouxe à tona elementos da desigualdade de gênero no interior do movimento, circunscrevendo a relação entre pares e sua repercussão nos modos e possibilidades de participação das jovens, posicionando-as pela via da adesão ou emancipação as dinâmicas de opressão e subordinação. Em seguida aprofundamos a análise da intersecção gênero-sexualidade, pois nossas observações nos permitiram compreender que a inserção em um dos grupos - jovens comprometidas com alguma relação afetivo-sexual ou jovens solteiras - provocava diferentes desdobramentos com relação a suas possibilidades de participação.

## **Para além das rotas preestabelecidas**

---

O mutirão de grafite geralmente ocorre no último domingo do mês, e o ponto de encontro para o evento costuma ser a escadaria Hippie<sup>5</sup> na Avenida Conde da Boa Vista, principal via de acesso ao centro da cidade. A escadaria é assim denominada devido ao fato de nela encontrarem-se comumente artesãos, que produzem e vendem suas peças.

A comunidade em que ocorreu o mutirão – realizado em março de 2009 – e que servirá de base para a análise é denominada UR-7 Várzea, localizada no bairro da Várzea, na zona oeste da cidade de Recife, região político-administrativa (RPA) 4. O bairro conta com importante reserva de mata atlântica e com significativa ocupação institucional, a exemplo do campus universitário, Hospital das Clínicas e o prédio da antiga Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene). Segundo estudos realizados pela prefeitura da cidade de Recife, essa região tem apresentado considerável crescimento populacional nos últimos 20 anos (Recife, 2000).

---

<sup>5</sup> O movimento Hippie, composto por jovens da geração dos anos 1960, no Brasil, nos anos 1970, adotava um modo de vida comunitário, com estilo de vida nômade e em comunhão com a natureza.

A UR-7 Várzea é uma área considerada pobre, e consta nos documentos municipais como sendo de invasão, posteriormente transformada em conjunto habitacional com o mesmo nome da comunidade (Recife, 2000). Em razão da reserva de mata atlântica, existe um movimento ecológico na comunidade, que construiu laços estreitos com o movimento Hip Hop e busca fortalecer sua atuação no lugar. Nesse sentido, a realização do mutirão de grafite foi uma estratégia adotada para tal fim.

A escolha desse evento justifica-se, por ele representar um contexto informativo, que pode ser descrito. Sob a perspectiva etnográfica de Clifford Geertz (1997/2006), a descrição é adotada como suporte para a leitura do contexto cultural no qual as relações e os processos de significação se processam. A boa descrição, para o autor, é densa e implica interpretação, o que coloca para o pesquisador a tarefa de olhar para a realidade, em busca do simbólico das relações sociais, eventos como poder, mudança e opressão, que se presentificam em contextos localizados, que orquestram a vida em suas dimensões mais cotidianas.

No caso em questão, buscamos o contexto que permitisse interpretar os códigos que perpassam as relações de gênero no movimento Hip Hop, dando visibilidade às estratégias e táticas produzidas pelo(a)s jovens participantes do movimento. As relações de gênero nos permite perceber a pluralidade, as relações de poder, construções sociais e mudanças de modo a obter uma tradução “interpretativa, crítica e parcial” (Haraway, 1995, pp. 31-32). As estratégias permitem compreender a relação do mutirão com a comunidade, implicam o cálculo de relações de força que postulam um lugar e um tempo em que interferir, enquanto as táticas informam acerca das relações de poder entre os participantes, suas formas de utilização, manipulação e alteração (Certeau, 1994/2007).

Freqüentar o mutirão tornou-se, portanto, imprescindível para nossa inserção no cotidiano e na dinâmica do movimento Hip Hop, para conhecer os e as participantes e refletir sobre suas relações, com especial atenção para a questão de gênero. Assim, a escolha do mutirão realizado na UR-7 Várzea justifica-se também por seu caráter emblemático, no que tem de significativo para a análise das tensões de gênero. Seu relato pretende, portanto, apresentar os elementos que conformam performances e aspectos relacionais.

Geralmente, as idas aos mutirões de grafite são atravessadas por inseguranças, pois a falta de domínio dos territórios de periferia e as referências obtidas nem sempre são precisas para se chegar aos locais. A forma encontrada para minimizar tais inseguranças foi pesquisar roteiros e identificar as linhas de ônibus que servem essa comunidade. Desse modo, tornamo-nos menos dependentes das informações imprecisas que circulam entre o(a)s jovens e aproveitamos o trajeto para interagir com os grafiteiros e grafiteiras que se deslocam para o lugar.

Outro elemento de insegurança é não saber o que ou quem vamos encontrar na comunidade. Pode ocorrer de nossos contatos não comparecerem em algum dos mutirões, ou mesmo não sermos reconhecidas pelos presentes. Há sempre uma sensação de abandono inicial ou de incerteza. Além disso, por se tratar de pesquisa feita por mulheres e sobre um movimento hegemonicamente masculino, com freqüência, preocupávamo-nos com os trajes mais adequados para o contato e atividade com o(a)s jovens, a fim de evitar situações que sugerissem ambigüidade quanto a nossos propósitos no campo de pesquisa, como insinuações, paqueras e constrangimentos.

A experiência do campo de pesquisa foi nos fazendo relativizar nossas referências na relação com o tempo. Para nós, o tempo é sempre o da exigência, pautado na pontualidade, no aproveitamento máximo e em uma lógica produtivista. O(a)s jovens lidam de forma diferente com a arte, e para nós essa forma é desafiadora, pois eles estão à disposição do tempo da criação, a medida não é cronológica, mas

sinérgica, aquecida pelos encontros, pelas conversas informais e trocas de informação, que disparam o processo criativo e viabilizam a execução artística. Nesses termos, não se consegue precisar o início e o término da atividade, pois o mutirão não tem temporalidade linear, dá-se nos entretempos de encontros, trocas e criações.

Essa forma de lidar com o tempo, por diversas vezes, levou-nos a esperar pelos jovens na escadaria Hippie por muitas horas. No dia do mutirão da UR-7 Várzea, a primeira participante a chegar foi justamente uma jovem mulher que usava roupas largas, característica bastante comum aos integrantes do movimento. O fato de ser mulher nos tranqüilizou, pela garantia de que esse mutirão contaria com a presença feminina, o que nos permitiria observar as relações entre o(a)s participantes.

Durante nossas conversas, descobrimos que a jovem tinha participado de uma oficina em sua comunidade, o Alto de Santa Terezinha, e fora convidada por uma grafiteira, portanto, seu contato com o grafite era recente: apenas duas semanas. A jovem mantinha uma relação afetivo-sexual (noivado) com um integrante do movimento, que na ocasião estava morando na cidade de São Paulo. Apesar dessa relação e do gosto pelo desenho, ela só se animou a participar de oficina de grafite após a viagem do noivo. É significativo o fato alegado por ela de que o noivo conhecia muitos jovens do movimento, mas ela só tinha a referência de um DJ.

Aos poucos, chegaram outros jovens, cujo visual predominante era: bermudas de estilo surfista, blusas largas, bonés, blusões e tênis. Alguns deles tinham nas roupas uma etiqueta com o nome Hip Hop, marca produzida por um jovem do movimento com loja nas proximidades da Avenida Conde da Boa Vista.

Nesse meio tempo chegaram duas jovens, uma delas com bastantes latas de *spray* e uma lata de tinta látex, cujo objetivo era disponibilizá-las para as demais grafiteiras. Todo(a)s ajudamos a carregar os materiais e as tintas. Pegamos o ônibus na Av. Conde da Boa Vista em direção a UR-7 Várzea, e éramos cerca de 15 pessoas (10 homens e 5 mulheres). Ao subirmos no ônibus, o motorista fez uma expressão de medo, o que pode ser explicado pelo fato de um dos jovens estar com latas de *spray* nos bolsos da bermuda, parecendo estar armado. Aos poucos, essa impressão dissolveu-se em meio ao clima de tranqüilidade em que transcorria a viagem.

Ao entrar na comunidade, encontramos outra grafiteira na parada de ônibus, esperando um jovem de sua *crew*. Descemos na sede do Movimento de Articulação Cultural Ambiental (MAAC), uma casa com dois quartos, um banheiro, cozinha, um terraço e um quintal com paredes decoradas por quadros e fotos. Fomos recebidos pelo coordenador do movimento, que foi receptivo, apresentou-nos a sede e seu trabalho com fotografia em lata.

Um dos cômodos funcionava como escritório, equipado com um computador, em outro cômodo havia uma televisão, na qual, no momento, passava um vídeo, provavelmente produzido por um dos jovens da comunidade, para crianças e jovens ali presentes. Na cozinha, preparava-se o almoço. Em todo mutirão, o almoço é um momento singular, mobiliza os jovens do local e os visitantes, momento de solidariedade e de ativação dos princípios que regem o movimento, a exemplo da cooperação e colaboração entre membros. O quintal já estava preparado, com mesa e fogão à lenha, sobre o qual se encontrava uma panela de barro.

Essa condição, apesar de aparentar improvisado, revela certa estrutura local para desenvolver a contento a atividade, o que nem sempre está presente nas outras comunidades já visitadas por nós, que estavam em situação de significativa precariedade. O lugar também favorecia a criação de um clima de lazer, já que em frente à casa nos deparamos com a reserva florestal, trilhas e cachoeira.



Nesse momento de preparação do mutirão, ocorreu uma situação no mínimo embaraçosa: uma das pesquisadoras foi solicitada (ou desafiada) a chamar uma das integrantes. Em vez de informar seu nome, a jovem instruiu-a a chamá-la por seu apelido, “A Louca”. Apesar do constrangimento, a pesquisadora aceitou a tarefa, pois a entendeu como uma oportunidade de compartilhar os códigos de comunicação entre os membros do grupo e, com isso, ganhar aceitação. Descobrimos que “A Louca” era uma *tag*,<sup>6</sup> por esse motivo, não houve reação negativa por parte da jovem.

A maioria das garotas encontrava-se nesse momento na casa e foi convidada a tirar fotos, com o pretexto de registrar a presença das “únicas mulheres”, o que chama a atenção para a desigual presença de jovens homens em relação às jovens mulheres. Foram várias fotos, inclusive registradas por jovens do movimento. A impressão que tivemos foi a da composição de uma cena harmônica e romantizada, que unia homens e mulheres em meio a um belo cenário.

Na seqüência, houve a convocação de todos(as) o(a)s presentes para uma roda de conversa, momento que oficializa o início do mutirão, mobiliza todos em torno de temas relevantes, a exemplo da articulação com a comunidade, com outros movimentos – no caso, com o movimento ambiental –, divulga para outros jovens da comunidade as bandeiras ético-políticas do movimento Hip Hop, como cooperação e solidariedade, e as oportunidades expressivas por meio da prática dos elementos.

Vale ressaltar que, nessa roda de conversa, atualiza-se o quinto elemento – o conhecimento –, que objetiva construir posicionamentos políticos mediante leituras críticas acerca da realidade que esses jovens vivem. Um dos temas destacados no mutirão foi a lógica do consumo em sociedades capitalistas, denominada pelos próprios jovens como “práticas de consumismo”. O objetivo era problematizá-las e apresentar alternativas a elas, direcionando os jovens a observar e mobilizar os recursos locais em uma lógica de economia solidária.

Como dito anteriormente, a Rede de Resistência Solidária, ao gestar a proposta do mutirão, inspirou-se em experiências exitosas de cooperação e solidariedade que proliferam em todo o país. Justamente por essa razão, compuseram essa conversa informações sobre as produções do movimento Hip Hop em andamento, para despertar os jovens para seus potenciais como produtores culturais.

A conversa foi atraindo muitas pessoas: observamos aproximadamente sessenta. No entanto, apenas jovens do sexo masculino se posicionaram. As jovens mulheres, embora ali estivessem presentes, não se pronunciaram no coletivo. Observamos maior investimento das jovens na comunicação entre elas, inclusive informando sobre o mencionado evento de articulação entre grafiteiras, o Trincheira Tinta. Chamou-nos atenção tal denominação, pois é sabido que o termo trincheira é utilizado em situações de guerra. Esse termo vem da engenharia militar, em que caracteriza um tipo de fortificação de campanha. “escavação no terreno, para que a terra escavada proteja os combatentes” (Ferreira, 2002, p. 687).

Trincheira, nesse contexto mutirante, tem ares de tática de gênero. Tomando-se como referência o significado do termo em Certeau (1994/2007, p. 47), as táticas constituem insinuações fragmentárias, implicam preparo de suas expansões, na vigilância para “captar no vôo’ possibilidades de ganho”. Um olhar mais apressado acerca do silêncio das jovens na situação acima descrita poderia valorizar uma interpretação que ressaltaria a fragilidade delas em meio a um contexto de dominância masculina. No entanto, visualizamos um empreendimento astucioso, da ordem de:

Jogar com os acontecimentos para os transform[á-los] em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos

---

<sup>6</sup> *Tag* é um pseudônimo que a maioria dos(as) grafiteiro(a)s usa como assinatura de sua arte nos muros da cidade.

oportunos, onde combina elementos heterogêneos (...), mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a “ocasião” (Certeau, 1994/2007, p. 47).

O discurso legitima posições de poder-saber, estratégia de visibilidade para quem o profere, expõe o sujeito no coletivo e lhe confere lugar de destaque. A tática do silêncio em oposição à do discurso, assim como a trincheira, garante a proteção necessária ao fortalecimento para um enfrentamento mais oportuno e eficaz. A decisão de agir de modo silencioso, assumindo o lugar da “semi-visibilidade”, visou a garantir nesse momento de jogo de forças a formação de um coletivo feminino, que possa crescentemente construir autonomia.

Além disso, a formação de um coletivo feminino requer ambigualmente, na ocasião, abrigo e ação. As jovens encontram, na organização e distribuição de grupos e lugares para grafitar, atividade de responsabilidade dos organizadores,<sup>7</sup> uma oportunidade de se proteger para circular no mutirão, por meio da articulação para garantir o uso de um muro em comum. Essa atitude oportuniza simultaneamente a intervenção no mutirão de modo seguro, trocas de experiência e aprendizado.

Ao reivindicar tal muro, elas encontraram apoio e adesão por parte de um dos organizadores do evento, que fez questão de garantir um muro bem localizado, com visibilidade na área e na sombra. O jovem as recebeu com a seguinte frase: “Eita as meninas, vocês tem que pegar algum muro na sombra por causa do sol!”.

Tal atitude configura-se como medida protetiva, que aciona aspectos de naturalização e essencialização do ser mulher. Lembramos das considerações de Fernanda Noronha (2007) sobre a presença de mulheres em cenários marcados pela presença masculina. Geralmente, emerge uma atitude protetiva associada ao imaginário da condição de fragilidade feminina, em oposição à força masculina. Essa percepção foi confirmada com a resposta do jovem organizador do encontro a um garoto que procurava muro: que ele “visse por aí”, pois, no momento, estava empenhado em conseguir o muro para as grafiteiras. Nos termos da tática, é interesse das jovens tirar proveito do “cuidado” masculino, que ali garantiu a conquista de um bom espaço geográfico (conforto e segurança), mas também político (articulação e tensão).

Embora particularmente estivéssemos interessadas nas relações entre os jovens e as jovens, vez por outra, observávamos a movimentação na comunidade, gerada pelo mutirão: havia uma exposição de fotografias de lata na praça que retratava as crianças e o cotidiano do lugar, espalhadas nas árvores; o DJ que comandava sua *pick-up*, atraindo a curiosidade de crianças e adolescentes do lugar; as rimas do *rap* pelos MCs, alertando a juventude para os perigos das drogas e a violência; outros que, nesse embalo, executavam suas coreografias de *break* (muitos grupos que ali se apresentavam eram da própria comunidade, com destaque mais uma vez para a presença massiva de garotos), mostrando a intrínseca relação entre todos os elementos que compõem a cultura *hip hop*.

A comunidade também fez dialogar outras expressões da tradição cultural pernambucana, de matriz afro-brasileira, como: a Capoeira, o Côco e o Maracatu com o Hip Hop. Havia clima de agitação e celebração, que transformou o domingo em um dia de fato especial, fazendo pulsar as energias comunitárias.

Tamanha mobilização adiou para o meio da tarde o horário do almoço, que ocorreu na sede do MAAC, e novamente as jovens foram tratadas com destaque. Havia poucas coisas descartáveis e incentivo a usar

---

<sup>7</sup> Em todos os mutirões, os organizadores devem solicitar previamente autorização dos moradores para o uso dos muros e paredes das residências e prédios comerciais, desse modo, torna-se mais ágil e tranquilo o mutirão.

os pratos de louça disponíveis e laváveis. Ao término do almoço, todos e todas voltaram para o grafite. O clima do entorno já havia se acalmado. Após o almoço domingueiro, o recolhimento, o merecido descanso, a comunidade retomou seu ritmo familiar e os mutirantes ficaram mais visíveis entre si.

Um passeio rápido pelo local evidenciou outros ângulos de observação. Até então não nos chamava a atenção o fato de que nem todas as jovens estavam desacompanhadas. Notamos que algumas garotas grafitavam próximo a seus companheiros, distantes e quase sem contato com as demais. Uma das pesquisadoras, intrigada, aproximou-se para conversar, e durante a conversa foi informada que a jovem entrou no movimento devido a seu esposo, que é grafiteiro. Sua relação com o grafite era fugaz e episódica, não havia compromisso estético (desenvolvimento e aprimoramento da produção artística), não havia compromisso coletivo com a transmissão desse saber, nem ele era agregado a seu projeto de vida como elemento que contribuiria para sua sobrevivência.

Algumas entrevistas realizadas no âmbito da pesquisa e outros estudos sobre o tema (Matsunaga, 2008; Weller, 2005) indicam ser situação muito comum ao movimento jovens mulheres que, introduzidas por seus companheiros, geralmente, ao fim do relacionamento, desistem de estar no movimento e de praticar o elemento.

Eram sete as jovens solteiras que grafitavam juntas. Delas, quatro tinham o grafite como meio de sobrevivência exclusivo, e as outras três utilizavam essa arte para complementar sua renda. Por essa razão, havia maior engajamento na produção do elemento e preocupação com a reserva de território, que ficou evidente com a reclamação de uma das jovens sobre a presença do namorado de uma das grafiteiras no muro conquistado por elas.

A reserva de território acima exposta gerou tipos distintos de reação por parte dos garotos. Um deles usou como estratégia ajudar a namorada para se inserir no território feminino e outro decidiu não grafitar, alegando não ser aceito naquele espaço. Interessante era seu tom acusatório ao fato de as garotas terem conseguido um muro “enorme só para elas”. Chamou atenção o fato de haver muitos jovens homens espalhados por todos os lugares da comunidade, grafitando em diferentes muros, e poucas mulheres ocupando um único espaço proporcionalmente insignificante ao quantitativo ocupado pelos jovens. Em nenhum momento, essa reflexão esteve presente no discurso do referido jovem.

Quanto ao processo de produção dos grafites executados pelas garotas, chamou atenção: temor ou insegurança por parte de jovens iniciantes em sua realização; uma reação de resistência ao tema proposto (preservação do meio ambiente) para garantir a segurança na execução do conhecido; as grafiteiras mais experientes estavam bem articuladas, causaram a impressão de que haviam se programado para fazer um grafite com a divulgação do evento Trincheira Tinta; e, por fim, registramos a atitude solícita de um jovem em dar dicas técnicas para uma grafiteira iniciante, ação que pôde ser entendida com a informação de seu interesse afetivo-sexual por ela.

O domínio das técnicas e a experiência proporcionada por sua circulação no movimento garantem ao jovem vários usos desse saber, inclusive no jogo de sedução. Demos conta, em diversas situações e entrevistas, de que, por vezes, há uma fronteira tênue entre usos e abusos no saber-fazer de maior domínio dos jovens, que traz situação de constrangimento às jovens mulheres que têm compromissos estéticos e pretendem evoluir no elemento. Algumas delas chegam a abdicar do apoio inicial necessário para o aprendizado da técnica, como forma de interromper ou evitar o assédio.

Já em ritmo de conclusão dos grafites, as jovens aproveitaram para trocar contatos e ideias, e celebraram sua produção, registrando-a em fotografias, que servem tanto para preservar a produção

artística, uma vez que estão expostas às intempéries, quanto como forma de divulgar o trabalho via redes sociais virtuais.

Durante o percurso de retorno, algumas conversas, já azeitadas pela intimidade ou confiança conquistada ao longo do dia, trataram da dificuldade das jovens mulheres de grafitar, pelo preconceito dos garotos. Elas citaram um exemplo de grafite que foi realizado em uma das principais avenidas da cidade, lugar de grande visibilidade, que foi apagado sem cerimônia, para dar lugar ao grafite de um jovem. A grafiteira alegou que isso ocorreu porque era uma produção de mulheres. Segundo ela, o tema foi pauta de uma reunião da Rede de Resistência Solidária. A maioria dos jovens presentes censurou a atitude, evidenciando que essa atitude vai contra a ética do(a)s grafiteiro(a)s. Uma das jovens destacou que os grafiteiros iniciantes costumam ser mais machistas, e não respeitam sua produção nem guardam reverência com relação às grafiteiras mais experientes.

Na despedida, a aceitação das pesquisadoras naquele universo pôde ser constatada via convite para participar da reunião de organização do evento Trinchira Tinta. Confirmamos nossa participação e partimos.

## **Entre proteções, assédio e insatisfações: expressões das relações de gênero**

---

A vivência dessas jovens no movimento possibilita o desenvolvimento de leituras críticas sobre o modelo masculino historicamente hegemônico. De acordo com Maria Betânia Ávila (2001), a produção de conhecimento crítico é um elemento fundamental para sustentar os processos de transformação social e contribuir para a construção de sujeitos autônomos. No campo político, essa construção implica a garantia dos lugares de fala e de escuta, “no sentido de que aquele/a que só escutava passa também a ter o direito de falar, enquanto aquele/a que só falava passa a ter o dever de também escutar” (Ávila, 2001, p.265).

A participação das jovens no movimento Hip Hop institui novos espaços de conflito e trazem à tona desigualdades de gênero a ser combatidas, provocando tensões e potencializando mudanças em relação à dominação masculina, de modo a redefinir formas de poder mais compatíveis com valores democráticos (Mouffe, 2005). As informações coletadas no campo de pesquisa apontam tensões na participação das jovens no movimento Hip Hop, que se configuram ao mesmo tempo em ações de adesão ao modelo masculino hegemônico, marcadas por relações de poder restritivas da inventividade, e em estratégias de sociabilidade direcionadas potencialmente como emancipatórias.

Tende-se a esperar do movimento Hip Hop um posicionamento mais efetivo no combate à desigualdade de gênero, uma vez que ele é orientado pelo seguinte campo de princípios ético-políticos: conhecimento, entendimento, liberdade, justiça, igualdade, sabedoria, paz, unidade, amor, respeito, trabalho e diversão. Contudo, se esses princípios forjam vínculos e compromissos entre seus membros, também convivem com um ordenamento cultural androcêntrico, que define lugares seguros para os jovens e inseguros para as jovens, em descompasso com os valores democráticos defendidos em seu campo ético-político.

A ambigüidade gerada por esse descompasso cria diferentes cisões: entre os jovens homens e as jovens mulheres e entre elas, o que dificulta a constituição de um Nós por parte das jovens, necessário à transgressão das fronteiras androcênicas. Diante dessas tensões, como essas jovens se posicionam? Como lidam com a dificuldade de se constituir como alteridade capaz de se afirmar perante o Eles?

Para tais reflexões, faz-se necessário levantar a diversidade de posicionamentos assumidos pelas mulheres com relação às questões de gênero, referenciando a discussão teórica das feministas acerca da multiplicidade feminina, no sentido de dar visibilidade às diferenças significativas entre as mulheres em oposição aos essencialismos totalitários.

As análises de gênero não podem ignorar o fato histórico-empírico-existencial de que a experiência (ou a identidade) de gênero está intrinsecamente vinculada com outros aspectos significativos da posição social e da pertença cultural (...) sob pena de não dar conta da verdadeira relação de opressão que o próprio sexismo representa (Pierucci, 2008, p. 132).

Nessa linha de argumentação, as jovens presentes no relato do mutirão selecionado não podem ser vistas como um grupo homogêneo. Nossas observações nos permitiram situá-las em dois principais grupos: 1) jovens comprometidas com alguma relação afetivo-sexual; e 2) jovens solteiras.

Pode-se perceber que as jovens grafiteiras casadas ou com alguma relação afetivo-sexual, como namoro, e que foram inseridas no movimento pelo companheiro, não são alvo privilegiado das situações de intimidação e assédio sexual, comumente relatadas pelas jovens solteiras. Isso ocorre porque estar ao lado de um jovem homem impõe respeito, coloca limites para aproximação dos demais, considerando-se a força dos códigos de honra e masculinidade que regulam as relações afetivo-sexuais no interior do movimento e os conflitos.

Contudo, se tais códigos figuram como medidas protetivas de ordem sexual, isso traz conseqüências para a produção cultural das jovens. Como “faca de dois gumes”, praticar o elemento sob a proteção masculina traz a vantagem de obter espaço físico, no caso, os muros locais, que são distribuídos entre os participantes, em meio a muitas negociações. Nesse caso, as jovens acompanhadas conseguem, com relativa tranquilidade, espaço para grafitar, no entanto, isso se configura como uma concessão feita pelo parceiro, e, como em toda concessão, algo terá de ser dado em troca. Observamos que a moeda de troca é geralmente o controle sobre a produção, que compromete assim o desenvolvimento da autoria e, portanto, da autonomia. Nessa tensão entre vantagem e desvantagem, as garotas seguem (re)conhecidas como a esposa ou namorada de alguém: não são nominadas.

A importância da nomeação foi ressaltada por autores como Pierre Bourdieu (1996/2006, p. 187), tendo em vista sua repercussão na constituição da identidade social, ou seja, “o nome próprio é o atestado visível da identidade de seu portador através dos tempos e dos espaços sociais”. A nomeação é a operação necessária para presentificar, no caso da produção artística, a autoria da obra, dando visibilidade a sua existência perante os demais – no contexto social, em geral, e no interior do movimento, em particular. Nesse segundo caso, a nomeação instaura o campo de luta por “ser reconhecido(a)” e por espaço de produção, o que pauta o desafio da negociação.

Outro ponto é que essas jovens (acompanhadas) têm de seguir alguns códigos de dominação, a exemplo de como se comportar no movimento e com quem circular. Embora conheçam as outras grafiteiras, dificilmente se aproximam ou ficam ao lado delas durante o mutirão, mas sim ao lado de seu companheiro. Isso mostra uma fronteira física e política que não conseguem ultrapassar (Santos, 2008), pois a transgressão pode significar o rompimento da relação afetivo-sexual. Por outro lado, essa “submissão” pode revelar uma atitude de “cuidado”, no sentido de proteção a seu “homem”, estabelecendo assim uma barreira ao possível interesse dele por outras garotas e ao investimento por parte delas.

Esse jogo de fixação de fronteiras físicas e de naturalização de fronteiras políticas tem como correspondente a essencialização da identidade feminina, refere-se a uma necessidade de permissão, de tutela, proteção, o que reverbera em diferenças ou em oportunidades desiguais de participação entre as próprias jovens. No caso das jovens acompanhadas, a desigualdade de acessar o jogo democrático é agudizada.

Mais um aspecto que chamou a atenção em relação a esse grupo de jovens é o fato de elas não conseguirem se afirmar como produtoras culturais, pois o grafite faz parte de suas vidas de modo esporádico, o que explica a frequência descontínua delas nos eventos e no próprio mutirão. Seu posicionamento é ambíguo, pois no mutirão assumem tanto o papel de grafiteiras como o de acompanhantes e, no caso de alguma intercorrência, o segundo costuma sobressair.

Com poucas condições de circulação e contato restrito com outras moças, as casadas ou comprometidas têm pouca ou nenhuma oportunidade de compartilhar suas vivências com as outras jovens. Tendo em vista que a partilha de experiências colabora para a aprendizagem, a ausência dela obstaculiza a construção de um coletivo capaz de dar enfrentamento às questões de desigualdade.

Nos exemplos anteriores, percebe-se que as ações das jovens acompanhadas alinham-se mais como adesão ao modelo masculino historicamente hegemônico. Sua participação cotidiana é marcada por relações de poder, que fixam fronteiras à formulação de resistências e à transformação da desigualdade instituída.

Em relação à participação das jovens solteiras, nelas há maior sentido de coletividade, já que todas ficaram juntas, grafitando em um mesmo muro. Observamos que o tempo de inserção no movimento é relevante para demarcar as possibilidades de articulação e de posicionamento político quanto à dinâmica adesão-emancipação.

Parte das jovens solteiras eram recém-chegadas ao movimento, e apresentaram-se mais inseguras em relação a sua produção artística, pois a ausência de domínio das técnicas e das próprias ferramentas utilizadas na arte do grafite geraram tensões, principalmente por se tratar de uma exposição no espaço público, que as torna vulneráveis ao julgamento dos pares, das pessoas do lugar e dos que circulam nesse espaço.

O visual das jovens que entraram havia pouco tempo no movimento era composto por bermuda grande, blusa folgada e tênis, estética aproximada à masculina, portanto, nesse momento, parecia haver aparente adesão ao modelo masculino hegemônico. No entanto, também podemos ler essa adesão estética como uma tática para garantir a aceitação nesse universo masculino. Tal estética também costuma amenizar as disputas de gênero entre meninas, já que não são realçados os atributos de erotização comumente desafiadores às que têm namorado, esposo e também às demais jovens participantes do movimento. Já as jovens que estavam havia mais tempo no movimento usavam outro estilo de vestimenta: saias ou bermudas apertadas e blusas *baby look*, distante do modelo masculino mais recorrente no movimento.

A estratégia de garantir um muro para a produção coletiva das mulheres favoreceu a proximidade, a visibilidade e o fortalecimento artístico. Desse modo, tornaram-se possíveis algumas articulações, especialmente em torno do evento já citado (Trincheira Tinta) e maior liberdade de diálogo e outras trocas.

Foi possível mapear, a partir das diferentes estratégias adotadas pelas jovens, pelo menos duas vertentes identificatórias das desigualdades de gênero comumente presentes entre eles e elas: uma que

se relaciona com o tempo de engajamento no movimento e outra que diz respeito às experiências significativas de discriminação.

As jovens pareciam valorizar as situações que favorecem proximidade entre elas, pois estar juntas e compartilhar experiências possibilita fortalecimento necessário para se manterem em um movimento sexista, em certo sentido misógeno e homofóbico. Essa proximidade é físico-geográfica, uma vez que possibilita o compartilhamento do território, com potencial para se tornar política, dada a possibilidade do compartilhamento de experiências, em especial, as de desigualdade de gênero. Portanto, tal proximidade colabora para demarcar o adversário e constituir a identidade coletiva, um Nós em contraposição ao Eles.

Identificou-se ainda que as jovens que estão há mais tempo no movimento, mesmo reconhecendo a existência de estratégias de boicote ou de dominação, persistem no engajamento. Uma parte delas tematiza e instaura conflitos de gênero, visibilizando a problemática, outras preferem construir silenciosa e astutamente práticas para sua permanência. Essas jovens mulheres, a seu modo, com maior ou menor potencial de tensão, produzem políticas alternativas de enfrentamento das desigualdades de gênero.

Segundo Santos (2002), as experiências de silenciamento ou de discriminação tendem a gerar a construção de alternativas, geralmente transformadoras dessas situações de opressão. Para as jovens, compartilhar as experiências, por meio das narrativas de suas memórias de discriminação e preconceito, significa acionar o quinto elemento – conhecimento<sup>8</sup> –, a favor da transformação das desigualdades de gênero e potencializar rupturas.

O posicionamento de persistência no engajamento, nesses casos, estava relacionado ao projeto de tornar-se uma reconhecida produtora cultural, tendo em vista a centralidade da arte, inclusive, como meio de sobrevivência. Essa arte que passa a ter centralidade na sobrevivência dessas jovens é capaz de concretude ao campo do estudo e do trabalho, fundamentais na construção dos projetos de vida na experiência de juventude, e isso exige delas investimento em suas energias criativas.

Nesse sentido, manter-se no movimento significa circular, atualizar, ter visibilidade, usufruir de oportunidades de aprendizagem, técnicas inovadoras, trocas. Há, portanto, nessa presença tensa no movimento, uma dimensão dinâmica, conectiva e impulsionadora, da qual essas jovens não desejam abrir mão.

## Considerações

---

Nesse evento do mutirão, no contexto do movimento Hip Hop, refletimos acerca de episódios significativos sobre as relações de gênero. Uma de nossas observações paradigmáticas é a não-unicidade das jovens do movimento, que dialoga com a leitura sobre a diversidade das formas de ser e de se apresentar como mulher e é um dos pressupostos da literatura atual feminista. As jovens do movimento Hip Hop não são homogêneas, mas constituídas por diferentes discursos, linguagens artísticas e formas de organização no movimento. Consideramos essa diversidade a partir de um olhar diferenciado para inserção ou participação das jovens com (namorados e esposos) e sem (solteiras) relações afetivo-sexuais.

---

<sup>8</sup> Esse elemento, nomeado como conhecimento, visa a preservar a história dos antepassados e a conexão de jovens envolvidos com as lutas por direitos civis travadas pelo povo afro-americano via construção de uma nova cultura, que favoreça a tomada de consciência da desigualdade social e a luta contra as discriminações e desigualdades (Costa e Menezes, 2009).

As jovens “comprometidas” apresentaram-se como mais subordinadas aos ordenamentos de seus parceiros, o que sugere adesão ao modelo masculino hegemônico. O ordenamento cultural androcêntrico sustenta relações de poder restritivas à inventividade e às possibilidades de transgressão aos códigos da desigualdade de gênero.

Pudemos identificar expressões desse ordenamento de tal modo que as jovens encontram obstáculos para a visibilidade de sua produção artístico-cultural, pois seus companheiros assumem a posição de destaque, seja de suas próprias obras ou pelo direcionamento da obra delas. Além disso, estar acompanhada tem rebatimentos para o a circulação, o estabelecimento de contatos e trocas, que possibilitem a constituição de outras redes de relações e apoios.

No que se refere ao grupo das jovens mulheres solteiras, outro diferencial foi por nós identificado, entre as que entraram recentemente no movimento e as mais experientes ou que participam dele há mais tempo. As primeiras demonstraram maior insegurança na prática do elemento e, em sua maioria, aderiram à estética da indumentária masculina, como uso de roupas largas, o que sugere dificuldade de localizar e tematizar as desigualdades de gênero, e, portanto, de se posicionar como mulher, como feminino. Já as segundas evidenciaram maior autonomia na estética visual e elaboração de estratégias de enfrentamento da desigualdade de gênero. Um modelo emblemático dessa estratégia de enfrentamento é a conquista do muro, que, parafraseando Bourdieu (2005/2007), acionou toda uma economia das trocas simbólicas, pautadas em um potencial artístico (desenvolvimento de traço próprio) e político (oportunidade de compartilhar as experiências de desigualdade de gênero e de dar visibilidade a elas), com vistas à produção da autonomia. Ainda, do ponto de vista das táticas, não podemos deixar de considerar a elaboração de margens de manobra às situações de subordinação, que no limite se alinham aos movimentos de produção de autonomia.

Politicamente, a arte no espaço público gera visibilidade, pois fala de uma autoria, nomeia o(a) produtor(a), por isso, enfrentar os riscos dos julgamentos, da exposição significa uma aposta, para as mulheres, na desestabilização dos códigos de masculinidade hegemônicos. No questionamento das fronteiras entre o público e o privado, as ações das jovens acabam por tensionar os territórios de qualificação das mulheres (boas para casar versus boas para transar).

Em geral, as jovens que estão participando há mais tempo do movimento e são solteiras ou não estão se relacionando com nenhum jovem do movimento são as que, nesse contexto, mais sofrem com intimidações e pressões, dentre outras situações, já que não estão “sob a proteção” ou “tutela” de nenhum jovem do sexo masculino. Isso é um código de dominação, afinal, por que as mulheres solteiras não podem ser igualmente respeitadas como as que estão com os parceiros?

É possível então inferir que os jovens buscam lidar com as tensões sob um ponto de vista político-cultural, tentando assegurar o controle da posição de subordinação das jovens mulheres, seja pela via da proteção, desqualificação, invisibilidade ou do boicote, o que mantém o código relacional pautado no modelo da masculinidade hegemônica e dificulta, embora não impossibilite (lembrando a discussão de estratégias e táticas), a construção de um campo político-cultural emancipatório feminino.

## Referências

---

Ávila, Maria Betânia (2001). Feminismo, cidadania e transformação social. Em Maria Betânia Ávila (Org.), *Textos e imagens do feminismo: mulheres construindo a igualdade* (pp.13-61). Recife: SOS Corpo.



- Barros, Mateus de Sá Barreto (2010). *Juventude e suas relações com o espaço periférico: o Hip Hop como um instrumento de articulação comunitária*. Dissertação de Mestrado inédita. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Bonetti, Alinne e Fleischer, Soraya (Orgs.) (2007). *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis: Ed. Mulheres.
- Bourdieu, Pierre (1996/2006). A ilusão biográfica. Em Marieta de M. Ferreira e Janaína Amado (Orgs.), *Usos & abusos da história oral* (pp.183-191). Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Bourdieu, Pierre (2005/2007). *A Economia das trocas simbólicas*. Em Sergio Miceli (Org., Sel., Introd.). São Paulo: Perspectiva.
- Certeau, Michel (1994/2007). *A invenção do cotidiano*. (16ªed). v.1. Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes.
- Costa, Mônica R. (2006). *Experiências Emancipatórias: alternativas políticas e políticas alternativas dos movimentos sociais no Nordeste*. Tese de Doutorado inédita. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social
- Costa, Mônica R. e Menezes, Jaileila de A. (2009). Os territórios de ação política de jovens do Movimento Hip Hop. *Revista EM Pauta*, 6(24), 199-215.
- Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda (2002). *Mini Aurélio Século XXI: O minidicionário da língua portuguesa* (4ªed). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ferro, Ligia (2010). O graffiti mediador. Reflexões sobre as metamorfoses da prática em três cidades. Em Gilberto Velho e Luís Fernando Dias Duarte (Orgs.), *Juventudes Contemporâneas: culturas, gostos e carreiras* (pp. 75-91). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Fertrin, Rebeca B. e Velho, Lea M.L.S. (2010). Mulheres em Construção: o papel das mulheres mutirantes na construção de casas populares. *Revista Estudos Feministas*, 18(2), 585-606. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2010000200017>
- Freire, Rebeca S. (2010, agosto). *Participação política das mulheres jovens: Hip Hop e (Novo) Movimento Social em Salvador*. Comunicação apresentada em Anais do Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Florianópolis, Brasil. Acesso: 01 de fevereiro de 2012. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277918193\\_ARQUIVO\\_TextoCompletoComunicacaoOralok.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277918193_ARQUIVO_TextoCompletoComunicacaoOralok.pdf)
- Geertz, Clifford (2002/2005). *Obras e vidas: o antropólogo como autor* (2ªed). Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Geertz, Clifford (1997/2006). *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa* (8ªed.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Haraway, Donna (1995). Saberes Localizados a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7-41.
- Matsunaga, Priscila Saemi (2008). As representações sociais da mulher no movimento Hip Hop. *Psicologia & Sociedade*, 20(1), 108-116. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822008000100012>
- Mouffe, Chantal. (2005). Por um modelo agonístico de democracia. Dossiê democracias e autoritarismos. *Rev. Sociol. Política*, 25, 11-23. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-44782005000200003>
- Neves, Angela Vieira (2007). *Espaços Públicos e Práticas Políticas: os riscos de despolíticação da participação da sociedade civil*. Comunicação apresentada Anais do II Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia, Universidade Federal Santa Catarina. Florianópolis-Brasil. Acesso em: 01 de Março de 2013. Disponível em [http://www.sociologia.ufsc.br/npms/angela\\_vieira\\_neves.pdf](http://www.sociologia.ufsc.br/npms/angela_vieira_neves.pdf)

- Noronha, Fernanda (2007). Onde estão as B. girls? A pesquisa antropológica numa roda de break. Em Alinne Bonetti e Soraya Fleischer (Orgs.), *Entre saias justas e jogos de cintura* (pp. 187-208). Florianópolis: Ed. Mulheres.
- Pierucci, Antonio Flavio de O. (2008). *Ciladas da diferença*. São Paulo: Ed. 34.
- Recife (2000). *Prefeitura Municipal – URB. Dados do Bairro Várzea*. Extraído em 21 de abril de 2011, de <http://www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/inforec/varzea.php>
- Reis, Mariana (2010, jun.). *Rede de Resistência Solidária: cultura, juventude e mobilização comunitária da periferia ao centro do Recife*. Comunicação oral apresentada no XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Campina Grande/PB, Brasil. Extraído em 3 de setembro de 2011, de <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-1073-1.pdf>
- Santos, Boaventura de Sousa. (2002). *Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Ed. Cortez.
- Santos, Boaventura de Souza. (2008). *A gramática do tempo: para uma nova cultura política* (2ªed.). São Paulo: Cortez Editora.
- Scherer-Warren, Ilse (2008). Redes de movimento Sociais na América Latina – caminhos para uma política emancipatória? *Caderno CRH*, 21(54), 505-517. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792008000300007>
- Scherer-Warren, Ilse (2009). *Redes de movimentos sociais* (4ªed.). Rio de Janeiro: Loyola.
- Souza, Angela M. (2010). Repensando as relações de gênero através das práticas musicais de jovens: o movimento Hip Hop. Comunicação apresentada em *Fazendo Gênero*, 9. Acesso em: 10 de junho de 2011. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278259860\\_ARQUIVO\\_AngelaSouzaFG9-Movimentohiphop.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278259860_ARQUIVO_AngelaSouzaFG9-Movimentohiphop.pdf)
- Trincheira Tinta* (2009). Extraído em 14 de maio de 2009, de <http://pinguinha.wordpress.com/2009/05/14/trincheira-tinta-i-encontro-de-grafiteiras-de-pernambuco>
- Weller, Wivian (2005). A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Revista Estudos feministas*, 13(1), 107-126. Acesso em: 15.02.2008, disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a08v13n1.pdf>.



Este texto está protegido por una licencia [Creative Commons](#).

Usted es libre de copiar, distribuir y comunicar públicamente la obra bajo las siguientes condiciones:

**Reconocimiento:** Debe reconocer y citar al autor original.

**No comercial.** No puede utilizar esta obra para fines comerciales.

**Sin obras derivadas.** No se puede alterar, transformar, o generar una obra derivada a partir de esta obra.

[Resumen de licencia](#) - [Texto completo de la licencia](#)